

PROJETO CAIXA DE IMAGENS a 1000

24 meses, 200 apresentações e processo compartilhado e itinerante de montagem. Projeto que proporcionou continuidade à trajetória do Grupo rumo às 1000 apresentações pela Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo

O Grupo Caixa de Imagens realizou um novo Projeto dando continuidade a sua trajetória, agindo dentro da rede de público formada por 12 Projetos desenvolvidos na cidade de São Paulo, sendo 11 através de editais de política cultural pública nos âmbitos federal, estadual e municipal.

O Grupo Caixa de Imagens propôs o Projeto **Caixa de Imagens a 1000** reafirmando seu trabalho de pesquisa baseado na itinerância e proximidade com o público.

Esta trajetória desenvolvida na parceria com a população vem criando formas organizativas capazes de garantir o acesso democrático da produção do Grupo e que permite ao público participar e fazer parte da construção da arte contemporânea brasileira.

Tendo atingido plenamente os objetivos dos dois Projetos Chuva de Convites, desenvolvidos pelo Grupo através do Programa Lei Fomento ao Teatro, de 2003 a 2006, o Grupo cria em seguida, dando continuidade à sua trajetória artística: o Projeto Nova Parceria, que trabalha com fundos angariados pelo Grupo e pelo público, fruto da parceria do Caixa de Imagens com a mobilização do público atendido; o Projeto Convites, Machado de Assis, Leituras e Encenações agraciado pelo Prêmio Myriam Muniz (2007) e o Projeto Pelos Olhos de Machado agraciado pelo ProAC (2007/2008). Já em 2008/2009 realiza, através do Programa Lei Fomento ao Teatro, o Projeto 15 Anos do Grupo Caixa de Imagens, o Projeto Caixa de Imagens - Sonho que Caminha agraciado pelo ProAC (2009/2010) e, em 2010/2011, mais uma vez através do Programa Lei de Fomento ao Teatro, realiza o Projeto Espaços Teatrais do Grupo Caixa de Imagens aprofundando os laços criados entre o



trabalho cênico do Grupo e a população. Em 2012 trabalha em São Paulo novamente com o Projeto Nova Parceria e coloca esta cidade como uma das sedes brasileiras do Projeto Mentira vai Longe agraciado pelo Prêmio Procultura de Estímulo ao Teatro do Ministério da Cultura e inicia o Projeto Caixa de Imagens – 20 anos, Convites, Leituras e Encenações (2012\2014), agraciado pelo Programa Lei Fomento ao Teatro que desemboca em 2015 no Projeto “Tietê, onde queres me levar?” pelo ProAC, embrenhando mais uma vez sua pesquisa cênica ao contínuo movimento da cidade realizado por seus cidadãos.

No presente **projeto** durante os primeiros 06 meses desenvolveu-se um processo compartilhado e itinerante de criação e montagem e nos 18 meses subsequentes realizou-se um novo trajeto teatral de 200 apresentações, o Grupo chega a marca de 1000 apresentações realizadas através do Programa Lei de Fomento para a cidade de São Paulo.

Este processo compartilhado e itinerante de criação e montagem de espetáculo realizou-se através de um procedimento de pesquisa tendo como base o tema norteador “São Paulo – cidade musa”. Sua pesquisa se deu na obra de Mário de Andrade, na pesquisa de tragédias gregas e de artistas plásticos-grafiteiros, que ao colocarem ou ao realizarem seus trabalhos em espaços públicos ao ar livre, estabelecem comunicação direta com o incessante movimentar da cidade.

Desta forma, enraizamos um elo artístico entre a itinerância que realizamos, a obra de Mário de Andrade, na qual São Paulo é musa e espaço arlequinal, da corporiedade simbólica das tragédias e as obras destes inúmeros artistas plásticos que nos atravessam com seus trabalhos pelos vários caminhos que percorremos.

Este processo de pesquisa cênica que recebeu o acompanhamento de artistas convidados, de grupos de jovens/adultos e de professores de 03 instituições educacionais, foi responsável pela criação e montagem da performance “Calor do Tempo” que inspirou na segunda etapa a criação da “Re-existir” e na terceira etapa da “Página Aberta”.



Do Trajeto Teatral

Com a realização das 200 apresentações, em 18 meses, formalizou-se um novo trajeto teatral que se iniciou pelos Espaços Teatrais do Grupo Caixa de Imagens atendidos pelo presente projeto e pelos três últimos Projetos citados, garantindo a realização deste pelos vários bairros de São Paulo. Estes espaços teatrais foram os Pontos de Partida deste trajeto teatral concebido e traçado com os espectadores dos espetáculos, realizando assim uma viagem soprada e levada pela vontade responsável do público.

Atendendo às solicitações do público de apresentações com posterior debate, desenvolve-se um processo de formação de público, alcançando plateias e locais considerados distantes. Portanto, através desses convites, realizou-se 200 apresentações de espetáculos, com posterior debate, oferecidas de forma gratuita à população, durante o período de 18 meses.

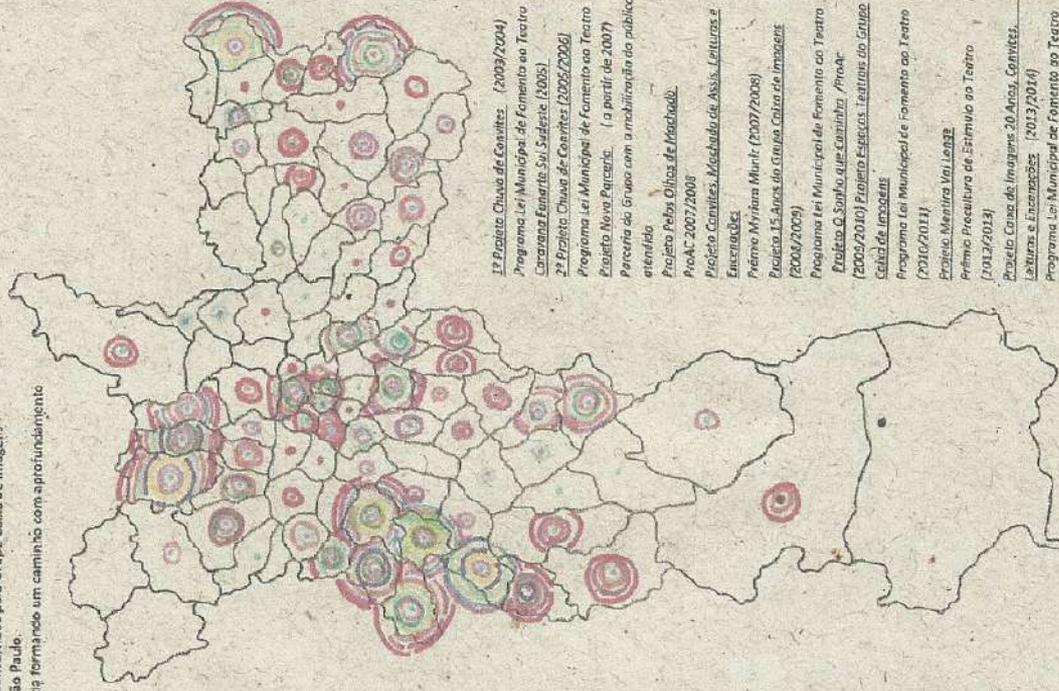
Este trajeto teatral teve a participação dos seguintes convidados:

Grupo Girasonhos que desenvolve um trabalho de pesquisa de contação de histórias,
Grupo Artesãos do Corpo que desenvolve um trabalho de pesquisa de dança-teatro,
Grupo Trio Pirathiny que desenvolve um trabalho de pesquisa de circo-teatro,
Grupo Travessia Filmes que desenvolve um trabalho de pesquisa de cinema-teatro.

Vocês vão notar que nos textos desse registro brincamos com nossas palavras e com as de Mário de Andrade, Paulo Leminski e Cecília Meireles.



Mapa que demonstra a ação de
13 Projetos desenvolvidos pelo Grupo Caixa de Imagens,
na cidade de São Paulo.
Sua abrangência formando um caminho com aprofundamento.



- 11 Projeto Chuva de Convites (2003/2004)
Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro
Caravana Fênix de São Sufrete (2005)
- 21 Projeto Chuva de Convites (2005/2006)
Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro
Projeto Nova Paqueta (a partir de 2007)
Projeto do Grupo com a mobilização do público
atendido
- Projeto Pólya Orlas de Machado
ProAC 2007/2008
- Projeto Convites, Machado de Assis, Leituras e
Encenações
- Prêmio Miriana Murtz (2007/2008)
- Projeto 15 Anos do Grupo Caixa de Imagens
(2008/2009)
- Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro
Trabalho O Sorrito e as Condições / Proac
(2009/2010) Projeto Especiais Teatros do Grupo
Caixa de Imagens
- Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro
(2010/2011)
- Projeto Mentira Vai Longe
- Prêmio Proscritura de Estímulo ao Teatro
(2012/2013)
- Projeto Casa de Imagens 20 Anos, Convites,
Leituras e Encenações (2013/2014)
- Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro
Projeto "Teatros, Onde Cabeve me Levarei?"
ProAc (2014/2015)
- Projeto Casa de Imagens e 1000 (2015/2017)
Programa Lei Municipal de Fomento ao Teatro

Das 1000... das mais de 1000!!!

Na última e 3ª etapa do Projeto o Grupo realizou 53 apresentações, mais do que as 40 a que se comprometeu. E para quê? Para propositalmente passar da marca de 1000 apresentações realizadas. Para “Caixa de Imagens a 1000” ficar a mais de 1000.

O número 1000 que faz parte do título do projeto nos provoca.

Quando nos debates a conversa navegou pela trajetória do Grupo, contamos que chegaríamos, através do presente projeto,

a 1000 apresentações,

surpresa, alegria, aplausos, abraços.

Ao lermos o número 1000 de trás pra frente, temos o número 1. O começo.

E também temos o infinito na seguinte equação: $888 + 88 + 8 + 8 + 8 = 1000$.

Viva a infinitude do 1000!

O Grupo Caixa de Imagens realizou essas 06 apresentações extras para comemorar!



Comemorar a marca das 1000 apresentações realizadas através de 06 projetos agraciados pela Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo a partir do ano de 2003
(3ª, 6ª, 13ª, 16ª, 22ª e 27ª edições)

Andamos por Lajeado, fomos para o Butantã e para a Brasilândia, chegamos em São Lucas, estacionamos em Capão Redondo, retornamos para a Estação da Luz e para Itaquera, fomos para o Jardim Peri e depois para o Bom Retiro, paramos em Campo Limpo e logo em seguida fomos para o Tremembé e lá pros lado da Praça Elis Regina, comparecemos em Vila Tiradentes e no Monte Kemel, partimos para a Chácara Santo Antonio e para o Brás e Artur Alvim, retornamos para o Pari e fomos conhecer a Vila Curuçá e a Vila Invernada, estacionamos no Jardim Maria Luiza e no Lauzane Paulista, descemos até a Barra Funda, para Pedreira, Campo Grande, Cidade Ademar e tomamos o caminho para a Vila Maria e Jardim Ângela, fomos para Guaianazes e para Jardim Miriam, regressamos para a Mooca e para o Cambuci, chegamos em Santo Amaro e no Jardim São Luis, passamos pelos ipês amarelos da Consolação, ora pela manhã ora à tarde ora à noite, trabalhando diretamente com questões que marcam a organização e o funcionamento da nossa cidade.



Comemorar o estado pleno de sentir, após essas
Em minha cidade-musa, mais 1000?
1000 apresentações,
aptos a realizar mais 1000 apresentações

Comemorar 1000.

Confesso
Que tenho a proeza de tê-las todas comigo.
A cada instante de vida vivida,
Um aguardo de mais vida,
De mais 1000?
Na minha memória fica esta vida bem viva
Que quer contar e recontar sua história
Do que fui
E do que serei
Deixar-nos nascer de novo, no meio de nossa
gente,
Com meu céu por vezes estrelado

Estaremos como árvores em quieta semente,
Dobrada na noite, mais 1000?
Acho que os dias felizes estão entre as árvores,
Plantamos 1000? Quase 1000?
Ah! Causador dos meus olhos que sonham,
Que paisagem mira para mim?
Mais 1000?
Nem sempre doçura,
nem sempre beleza,
nem sempre amargura atravessada,
Eu quero a memória acesa!
Mais 1000!



Comemorar a Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, lei que possibilita e possibilitou a realização desses projetos

A Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, por suas características ímpares, ligadas principalmente a um trabalho de pesquisa continuada não atrelada ao mercado, com certeza tem sido responsável por garantir as singularidades do fazer artístico e o encontro contínuo com novas possibilidades de entender o acontecimento teatral.

Criada pelos próprios artistas, a lei permite aos coletivos teatrais realizarem com liberdade sua proposta estética e seu plano de ação.

Antes de impor o que fazer, a Lei de Fomento subsidia o aflorar da diversidade artística da metrópole paulistana.

Por meio de condições materiais reais de trabalho, advindas de um suporte financeiro, propostas autorais intensificaram as identidades artísticas de cada grupo.

Um espaço interno de investigação que estava à espera de poder existir tomou corpo, impulsionando uma diversidade de projetos potentes.

Trechos retirados do capítulo Doze Anos Feitos de Encontros – A Expansão do Espaço e do Público em Tempos de Lei de Fomento - de Marcelo Soler, Mônica Simões e Vera Abbud da publicação Fomento ao Teatro – 12 anos/SMC/SP/2014



Comemorar o êxito dos espetáculos apresentados

'A Carroça do Manu”

“HidroCientistas”

“O Fotógrafo”

“Nem dia nem noite”

“Animação de Boteco”

“Prá Viajar”

“Pitiguari”

“Concertinho”

“Conto Machado”

“Por Acaso”

“Travessia”

“O Moleque”

“João do Rio”

“Calor do Tempo”

“O Caso da Rainha”

“Teatro da Voz”

“Vem Cá, Perdiz!”

“A Florista”

“Tão... Feliz”

“ A Festa”

“ 1, 2, 3 “

“Página Aberta”

“Milhor”



Comemorar as parcerias conquistadas

“Romeu e Julieta na 202,6 mHz”

“A História da História”

“A Porta de Poe”

“Esperando Lima+Caixa”

“As Aventuras de Karlchen”

“Palavras Cruzadas”

“Travessia+Olhar Urbano”

“Re-Existir”

“Impressão+Ele”

“Cinema Provisório”

“Olhares”

“Tempos”

“Vendo o Vazio”



Comemorar a rede de público construída
dia após dia,
de apresentação em apresentação

Comemorar 1000!

Se fosse possível

Enxergar os caminhos de ida e volta que fizemos,

Como ficaria o desenho da cidade?

Que trama esta rede traçada teria?

O vento que bate em nossos rostos nunca é o mesmo

E sempre vem nos soprar um quê de desafio,

Um quê de esperança e do incerto porvir.

Em nossa cidade-musa

Nublou-se o horizonte

Tantos edifícios, tantas pontes...

Mas não nublou-se

A surpresa do momento seguinte

Ao dobrar-se uma esquina

O que? É São Paulo?

Ir e vir vir e ir

Encontros saudade melancolia

Toda nossa gente nos fala

O azul do céu em toda cabeça

Nasce minha alegria

Poderosamente bela

E nesta Sampa de tantos des-dizeres

Conversamos com menino

Lendo Machado de Assis no metrô

Paramos para ouvir

Alguém tocando piano num dia chuvoso

E encontramos uma jabuticabeira cheinha, cheinha

Numa avenida pra lá de movimentada

Tantos palcos... já mais de 1000 palcos...

Ah! Posso descansar meus olhos e ouvidos...

Uma flor? Sim.

Uma canção? Sim.

Um arrastar? Sim.



Comemorar a possibilidade de atender convites feitos de forma direta entre artistas e população

“Cem vezes sem parar
se for preciso atravesso
sala
rua
cidade
oceano mar
daqui até ao avesso lá”



Comemorar o quanto essa trajetória desenvolvida na parceria com a população vem criando formas organizativas capazes de garantir o acesso democrático da produção do Grupo

Na medida em que revemos nossa carreira de 23 anos,

pedimos que você se aproxime do entendimento de nossos processos de criação.

Perceba que nosso repertório é formado por resultados cênicos

que partem do desejo de uma dramaturgia

que possibilite encenações abertas às diversas situações

que nossos espaços teatrais nos proporcionam.



Comemorar o fato de que esse projeto permite ao público participar e fazer parte da construção da arte contemporânea brasileira

Debates

nós

artistas-debatedores convidados

público-parceiro nas reuniões de compartilhamento de processo de montagem e criação
como?

Não havíamos pensado nisso, nem assim...

Foi assim

nossa encenação trazia o fogo que apaga memórias
como?

Não havíamos pensado nisso, nem assim...

traz consigo também, o fogo da deusa Héstita transformando a vida presente em memória refeita.

Sentimento de luto que gelava nossa alma liquidificou-se no contato com nossos parceiros de processo de criação, esquentou até evaporar...

evaporar até encontrar Héstita.



Comemorar a participação popular que faz o Grupo desenvolver uma dramaturgia capaz de conduzir os espetáculos a se aproximarem cada vez mais do cotidiano dos espectadores

Comemorar essa dramaturgia singular que desafia o Grupo recriar a todo instante a linha tênue entre palco e plateia

Como uma unidade de saúde ou um abrigo para crianças pode parar? Como uma instituição educacional pode parar dentro do seu horário de funcionamento? Ou mesmo um presídio?

Trabalhamos dentro de organizações vivas.

Entramos na casa do público, é mister o diálogo com este espaço, não somente na concepção do cenário, mas com este todo vivo. Diálogo. Escuta de ambas as partes. Parceria.

Linha que separa olhar de quem encena

olhar de quem assiste

Linha tão fina quase invisível

imprevisível

suspensa no eco da palavra dita

atravessa a sala, a praça, dá uma volta no mundo

Foi-se um segundo de cena



Comemorar os tantos e tantos debates realizados após as apresentações

Um, dois, começamos a contar pensamentos.

Um, dois, o começo horizonte sem contraste.

Onde estou eu? Onde não estou?

Eu sou tempo distância flor

tem sempre alguém dizendo coisas,

eu posso, eu vou, eu fui, eu fiz, não fiz,

eu faço, eu digo, não digo, não ouço,

desconsidero, passo pra frente, chama o gerente,

meus direitos, meu carro, minha roupa,

meu tempo.

Vontade de chorar, de comemorar, de cantar

lembro antigamente vez em quando tempo voltava

.

Um, dois, agora contar em inglês.

Só pra me divertir.

Olhos sem óculos não enxergo ou não sei mais ver a hora



desajeitado entre velhice e tempo
sinto o vento que a velocidade dos ponteiros do relógio velho provoca.

Tantas semanas apressadas entre meses sem nome
e os manhãs foram tantos
qual o seu nome? Que idade você tem? Casados?
Nossa! Quantas viagens já fizeram!
Merci, arigatô, good morning, spasiba
tudo é tão grande lá
e nós levando este nosso teatrar intimista
assim, do conversar próximo
é bolo, de vez enquanto fruta pra você que tanto gosta.

Sonhava que chegava,
sonhava que partia
novamente na estrada
gosto mais do sol
da sol, para os íntimos,



gosto mais do frio
da sopa.

Hoje o que é é o que é
o que tá feito tá feito
hoje não vou sonhar sonhos
vou sonhar o real,
apertar o que tenho,
apertar o tempo.

Assim... se configura a experiência teatral
ambiente, espaço-tempo de interação
e reconhecimento de algo extremamente palpável.
Um meio artesanal de veiculação de informação.
De troca.



“Calor do Tempo”

O tempo que aquece e consome a vida.

A chama guardada pela Deusa Héstitia, que neste momento, ilumina nosso resultado cênico.

A chama que chama.

Si-mesmo? O entorno? O fazer-se pertencer-se e pertencer? O mundo? A cidade de São Paulo?

Musa. Casa. Aldeia.

Na rua, em meio aos automóveis e às suas fumaças, devido à combustão de seus motores, mais uma chama que incendeia em nosso cotidiano.

Grafites, desenhos, frases, rabiscos, riscos por muros, paredes, prédios e nuvens desavisadas que recebem respingos dos sprays, nos chamam.

E Mário de Andrade presente grita, através de Macunaíma, *“Não vim no mundo para ser pedra.”*

Essa performance começou assim. A tragédia grega nos traz Antígona. Mário de Andrade a vida que defende ideias, ideais e crê no caminhar da humanidade. Os grafiteiros da cidade preenchendo de significados, formas e cores nosso caminho traçado, ao vivo, na carne do tempo presente, nossa itinerância a 1000.



“Calor do Tempo”

Mário de Andrade. Antígona. O pintar e desenhar pela cidade.

Estado sólido. Estado líquido. Estado gasoso. Base do processo compartilhado de montagem e criação que se transforma no roteiro-base dramaturgico.

Foi através dos debates tanto com os artistas-debatedores convidados como os que aconteceram durante as reuniões de compartilhamento deste processo que ouvimos que nossa encenação que trazia o fogo que apaga memórias, trazia consigo também, o fogo da deusa Héstia transformando a vida presente em memória refeita.

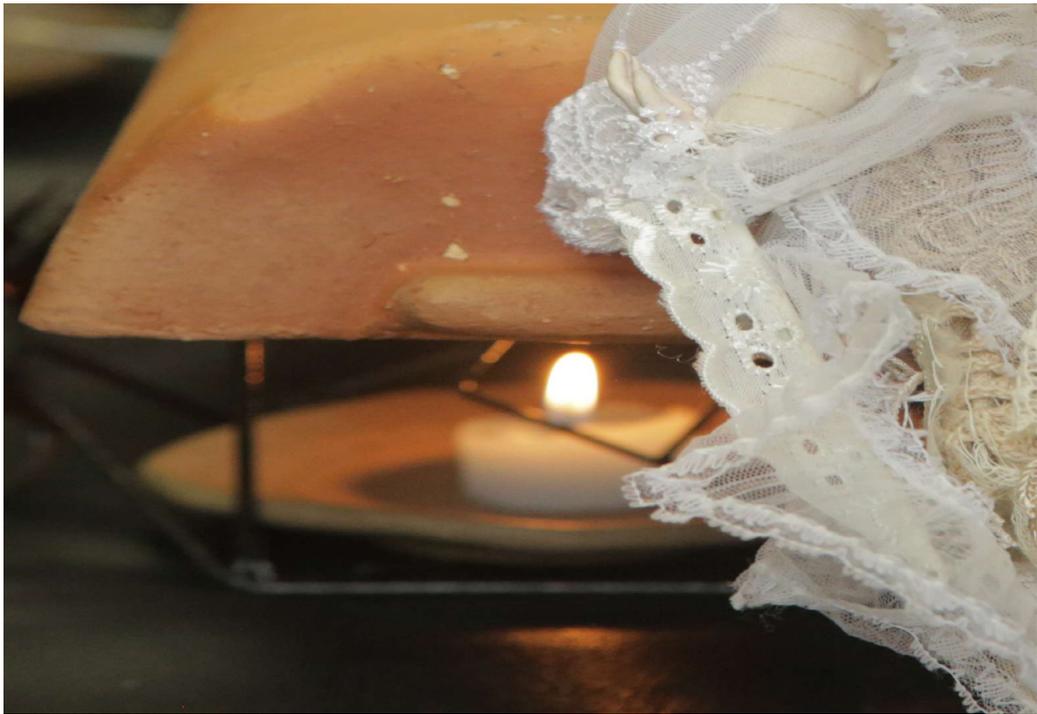
Despetalar flores amarelas sobre tapete negro.

Esculturas de gelo, água/tinta no escrever em telha quente.

A memória se desfaz no calor do tempo.

Sentimento de luto que gelava nossa alma liquidificou-se no contato com nossos parceiros de processo de criação, esquentou até evaporar...

evaporar até encontrar Héstia.



“Calor do Tempo”

Filha de Cronos (Saturno) e Réia (Cibebe, a Grande Mãe). Uma das doze divindades olímpicas. Dionísio (Baco) ocupa seu lugar. É a menos conhecida dos deuses olímpicos.

Héstia era a deusa da lareira (*hestia* em grego), do fogo queimando numa lareira redonda.

Héstia era tanto uma presença espiritual como um fogo sagrado que proporcionava iluminação, calor e aquecimento para o alimento.

Era venerada como protetora da família, das cidades e das colônias.

Cada cidade-estado grega tinha uma lareira com um fogo sagrado no edifício principal.

O fogo sagrado de uma cidade era levado para a cidade que estava nascendo.

Assim, Héstia liga um lar antigo ao novo, uma cidade antiga à nova, simbolizando continuidade e ligação, consciência compartilhada e identidade comum.

Como presença arquetípica na personalidade: proporciona sentimento de integridade e de inteireza.

Héstia é um arquétipo de centralização interior. Ela é “ponto tranquilo” que dá significado à atividade, o ponto de referência interior que nos permite permanecer firme no meio da confusão, desordem ou afobação do dia a dia. Com Héstia em nossa personalidade a nossa vida tem significado. A lareira redonda de Héstia com um fogo sagrado no centro é uma forma de mandala.

É a tocha eterna das comunidades humanas, o eixo em torno do qual se organizam os indivíduos.



“Re-Existir”

Trata-se da Ação Cênica fruto da longa parceria entre Grupo Caixa de Imagens e Cia Artesãos do Corpo que expressa através de imagens ora individuais ora realizadas em conjunto a percepção política-poética do momento contemporâneo. Momento do rastejar sobre o ventre do feminino, sobre o ventre da mãe-pátria, da Gaia. Rastejar que vive e investiga neste momento de resistência em manter acesa a chama, a luz que sustenta a vontade de olhar o outro que passa, que vai, que pára e que fica.

Partimos de uma proposta, de uma imagem-ação (imagem-síntese-lírica), para construirmos, em nossos encontros, um trabalho em conjunto.

Deu-se o “Reexistir”.

A imagem-ação inspiradora da performance trabalhava com o arrastar-se no chão. Uma boneca de pequena dimensão (aproximadamente 7 cm) percorrendo um caminho bem lentamente, com seu ator-manipulador executando seu trabalho arrastando-se no chão.

Imagem-ação que realizamos na versão “só nós”, quando Grupo Caixa de Imagens assume performance como um todo.



“Re-Existir”

Rastejar-se também significa investigar.

2 decisões: sair dos ensaios em estúdio e começar a realizar ensaios-abertos na Estação da Luz e Emília, a boneca, ganha então, em seu percorrer, uma pequena luminária.

Lenta, cuidadosa, sem alarde realiza sua trajetória.

O que faz com que todos intérpretes ganhem uma para si, cada um com uma luminária miniatura.

Imediatamente à imagem do rastejar-se são acrescentados vestidos femininos cobrindo o caminho a percorrer.

Conforme os vestidos vão ficando para trás, novamente eles são colocados à frente do caminho.

Não há chegada.

Há um túnel no profundo da luz

Onde começa o acaso

e onde acaba o propósito?

Ruas de São Paulo, onde está o túnel,

onde está?

Caminho, rastejo nas ruas da cidade,

caminhos da cidade,

resposta ao meu pedido, onde está?



“Re-Existir”

No primeiro ato os intérpretes-dançarinos com suas luminárias miniaturas realizam seu processo de reconhecimento e investigativo enquanto a atriz-manipuladora se dirige ao seu ponto de partida do caminho a percorrer, do rastejar-se e costura um retalho do mesmo tecido dos figurinos. Ator-músico realiza a trilha sonora ao vivo, costura a trilha previamente gravada que ecoa de caixas de som com as ações dos intérpretes.

O segundo ato, Emília e atriz-manipuladora rastejam. Intérpretes-dançarinos e intérprete-músico dedicam seu trabalho a esta ação, sendo que o intérprete-músico é o responsável pelo constante recolocar dos vestidos.

Intérpretes-dançarinos “recolhem-se”, sentam-se e se colocam como observadores.

O terceiro ato introduz-se assim.

Somente a boneca e a atriz-manipuladora continuam em ação.

Seu caminho sem chegada.

Seu investigar cuidadoso.

Não cansa, porém também não encontra ainda o que a faça restabelecer sua atriz-manipuladora à posição ereta, de caminhar com seus próprios pés.

Quando chegarão ao Reexistir?

Há um túnel no profundo da luz



“Página Aberta”

“Página Aberta” é novamente uma experiência cênica que se coloca na imersão da pesquisa por um momento teatral intimista dentro de espaços urbanos de travessia. Monta-se um pedestal com duas pontas, em cada uma delas colocamos um microfone, estes são conectados a um amplificador que somente amplifica para os fones de ouvido que a nossa plateia de até 04 pessoas utiliza acomodada nas cadeiras que fazem parte do cenário desse espetáculo. Espetáculo de rua que “escolheu” até o momento como seu espaço o centro do saguão da estação de trem da Luz, local de constante movimento de ir e vir. Cria-se assim, uma ilha cênica no meio de um mar de nossa gente e de ruídos da estação em seu pleno funcionamento, fazendo com que a atenta plateia mergulhe nas palavras intimamente ditas em seus ouvidos, palavras que lemos e encenamos das páginas abertas à nossa frente. Este acontecimento teatral homenageou até o momento os autores Giba Pedroza, um de nossos artistas parceiros convidados, Luis Fernando Veríssimo, Ítalo Calvino, Ricardo Azevedo, Anton Tchekhov e Mário de Andrade, encenamos/lemos adaptações livres de alguns de seus contos e histórias populares.

A montagem faz parte da encenação. Realizamos esta sem pressa, estamos nos apresentando para o espaço e para as pessoas que por nós passam. Ora seus olhares são de curiosidade tímida, ora dos olhares vem uma conversa curiosa que os fazem permanecer conosco, ora nem nos notam. Tudo faz parte. Dessa relação de cumplicidade o espaço cênico vai ganhando vida. Buscamos a “encenação mínima” dos atores, nesse caso o texto é quem encena, o texto é quem, através do fone de ouvido, chega muito próximo do espectador, ele encosta no espectador levado por nossas vozes. Caixa de Imagens é reconhecido por,



através do teatro de animação em miniatura, encantar com suas imagens cênicas executadas de forma bem próxima ao espectador. Dessa vez a voz amplificada por microfones é quem traz essa possibilidade da proximidade.

O tripé que fundamenta a nossa pesquisa cênica se mantém: o pequeno, a proximidade e a itinerância.

No Projeto surgiu uma nova parceira, a CPTM. No ano de 2008 fizemos apresentações no entorno da Estação da Luz através do Projeto “15 Anos do Grupo Caixa de Imagens”, agraciado pela Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo -13ª edição, que possibilitou atender ao convite da Superintendência do Museu da Língua Portuguesa.

Trabalhando na criação do espetáculo “Calor do Tempo”, durante as reuniões com os Debatedores e com os Grupos envolvidos no Processo Compartilhado e Itinerante de Montagem, o espaço da Estação da Luz surge nas discussões realizadas.

Com o objetivo de atender a mais esta demanda da rede de público, que vem sendo formada ao longo do desenvolvimento dos projetos do Grupo, propomos a encenação recém-criada no saguão da estação da Luz, agora na segunda etapa do Projeto. Entramos em contato com o departamento responsável pelas apresentações artísticas nas estações da CPTM.

Do “Calor do Tempo” e “Travessia”, veio “Re-existir” e por último “Página Aberta”.

“Teve aquela vez, que o Tempo na Luz ora era Música, ora Teatro, ora Dança

Dessa vida/espera, inverno/primavera Dessa vida chegada/despedita, outono/verão

Dessa vida boa/ em vão/ vou não vou /etc, etc ... oferecidos como pétalas a quem quisesse...”



“Página Aberta”

“O que que é isso? Hein? Teatro?”

Ué? Até pouco era estação de trem.

Cada uma que inventam. Então? Pode sentar?

É? Espera, vou chamar meu amigo.

É só sentar, eles disseram.

Põe o fone? Ah, é?

Já gostei. E agora? O que? Entendi.

Da hora.”

“Olha! Eu quero participar!

Posso?

Ah... se eu sentar a cadeirinha vai quebrar...

Como? Pode ser de pé?

Oba...”



“Página Aberta”

“A estação da luz em pleno vapor (em plena eletricidade, em alta tensão), mas coloca-se um fone e as primeiras frases ditas fazem a estação parar de funcionar...essa voz, esse texto, uma outra eletricidade nas veias.

Aquele antigo destino era pegar o trem ou sair da estação, seguir aquele meu caminho...mas alguém veio e disse sente-se aqui conosco, escute, assista...cinco minutos...mas o tempo que ouço é outro...não é mais tempo...são palavras, palavras em movimento que se encontram, me conduzem. Onde vou? Qual meu destino agora? Ah, não importa...me sinto vivo aqui, minhas emoções em movimento. Que trem doido que peguei hoje!...”

“Estava indo embora na estação de sempre, quando de repente ouço um cantarolar, um pandeiro, um cavaquinho. Parei. Tinha gente que seguia. Eu não. Era engraçado. No meio daquele saguão aquele pessoalzinho sentado, rindo, batendo pé ritmado, enfiados num fone de ouvido.

Depois que acabou, fui convidado pra sentar, mas não quis. Medo, sei lá. Mas na terceira fui.

Acho que não vou esquecer mais.”



“Parceria Trio Pirathiny por Luciano”

Das principais características das apresentações Caixa de Imagens/Trio Pirathiny que posso destacar é a alegria e as longas distâncias percorridas para chegarmos aos locais das apresentações. Quase sempre sinto-me fazendo uma viagem. É como se estivesse trazendo o Caixa para as turnês que realizei pelo Brasil ou como se o Caixa me mostrasse como o Brasil inteiro cabe em Sampa.

Quase sempre saímos bem cedo e pegamos estradas. Estradas por esta cidade tão grande, nestas estradas cheias de curvas, de subir e descer que começamos a nos confundir se estamos em Sampa ou em outra região do Brasil.

Ouvi cantar de alegria.

No meu caminho parei, respirei, me apresentei com meus parceiros.

Meu coração fez-se de casas cheias.

Platéia atenta, seguindo cada passo, embarcando na magia do circo.

Aplauso caloroso.

Fechei os olhos.

Chorei.

Mas feliz porque na bagagem carregávamos convites para novas apresentações.



“Parceria Girasonhos por Giba”

Algumas de minhas buscas se entrelaçam com as do Caixa de Imagens.

Contar histórias ou transportar um texto literário para um outro lugar que não seja a leitura (ato de plena solicitude e de mão única), compartilhar com outras pessoas as palavras e visagens de uma narrativa, sempre foi pra mim, a arte de fazer ver.

E é isso que vemos no trabalho destes meus parceiros de estrada, no seu utilizar-se de recursos simples, sutis da arte de narrar.

Sinto-me contemplando a imensidão do mar ao presenciar estes dois narradores/arautos, a poética do olhar que vai indagando e conversando com quem ouve a narrativa.

E sempre que trabalhamos juntos é como se armássemos uma rede entre as estrelas do céu, estrelas do mar, buscando que todo campo, todo mar, todas terras sejam um nado de contares e cantigas.



“Parceria Artesãos por Ederson”

Quando conversamos sobre a possibilidade de realizarmos um processo criativo juntos muitas sensações afloraram: respeito, admiração, alegria, responsabilidade... Mas esse encontro de amigos/artistas/criadores não poderia ser pautado por formalismos e burocracias. Tinha que ter trocas de experiências, presença, reflexões, afetividade. Para contemplar esses desejos, primeiro realizamos encontros para treinarmos e afinarmos os corpos, vozes e intenções. Nesses encontros iniciais cada grupo propunha um aquecimento, uma prática, um exercício em grupo com um objetivo duplo: preparar o corpo e o ambiente para a criação e compartilhar com o outro as dinâmicas criativas de cada grupo, estabelecendo a sala de ensaio como um lugar potente e aberto para surgimento de uma terceira expressividade que nasceria desse contato.

Os ensaios gerais e o resultado desse encontro foi apresentado na Estação da Luz. Foram momentos de intensa troca, agora não só entre os artistas, mas também com o público que ali circulava. Olhares de encantamento, estranhamento e surpresa, foram transformando aquele espaço de circulação cotidiana em um lugar cênico, dando novos sentidos e significados para aquele lugar público e assim abrindo um espaço para uma apropriação da cidade pelas pessoas de todas as faixas etárias e classes sociais. A cada nova apresentação nossos corpos foram sendo atravessados e preenchidos pela paisagem, pelo fluxo, pelas histórias, pelos olhares, por fragmentos de histórias que tocavam nossos ouvidos, por depoimentos espontâneos após cada performance.

Nossas Re(e)xistência foi afirmada na Estação da luz e compartilhamos com o público o resultado de uma parceria que desejamos seguir cultivando.



“Parceria com Travessia Filmes por Bruno”

“ Estendo o vazio no varal
não preciso de pregador
não há vento que o faça voar
o sol forte vai deixá-lo cheio até sumir
o varal faz uma curva pra baixo
parece que ri da minha cara
irritado querendo fazê-lo chorar puxo a corda pra cima
dois sorrisos
dói meu braço estendido no ar
solto a corda espertamente fecho os olhos
o vazio é forte ”

Poema de Carlos Gaucho, mote poético inspirador do vídeo “Vendo o Vazio”.



“Travessia – Estação Barra Funda - Plataforma”

Não, não é aqui que devemos realizar nossa encenação...

Mas o encontro aconteceu e ali permanecemos rodeados por alguns minutos.

Fomos então até o local permitido.

Encontros singelos tomaram vida.

Afonso diz:

vamos à plataforma?

Leve tempo do verbo ir.

Ir, encenando como vai verbo

Pé ante pé.

Sem nenhum querer e sempre querendo.

Um pouco de tudo,

passa-se um,

uma e outra vez.

Uma vez toda feita de singelas brincadeiras, de gestos delicados,

pequenos grandes,

olhares que se refletem em sorrisos.



Ah...muito obrigada... hoje sua contribuição financeira é só gentileza

talvez amanhã ela venha em boa hora

hoje tem esta lei de nome difícil, mas que facilita a gente estar aqui e se encontrar

Que importa o tempo agora?

O tempo recortado do descer do trem e subir as escadas.

O tempo que toque nos nossos relógios.

Matéria do tictac pra nós agora é o tempo que se faz deste intervalo.

Somos o silêncio poético que quer dizer palavras

ou

que bate palmas para performance do acaso.



“Eja seja”

A convidada Teresa é nossa parceira de muitos anos, já a encontramos em nossa primeira centena de apresentações. A sala também nossa conhecida. Tínhamos dois espetáculos na bagagem.

Trânsito mais intenso neste dia. Nos atrasamos no caminho. Chegamos às 14h50. A apresentação estava marcada para 15h. A sala estava sendo usada para a despedida de uma funcionária. Não estávamos mais atrasados. Ficamos esperando. Tínhamos dois espetáculos na bagagem.

Aí alguém que veio de dentro da sala logo perguntou se já podia anunciar a nossa entrada. Opa! Que desafio. Tínhamos dois espetáculos na bagagem.

Rapidamente pensamos como poderíamos enfrentar a este novo desafio de nossa jornada teatral. A sala comprida lotada, ventiladores ligados e a dispersão da plateia que não sabia se iria jogar bingo ou assistir a um espetáculo.

Entramos. Boa tarde a todos. Começamos a retirar das nossas malas objetos cênicos , figurinos e instrumentos musicais e colocá -los em cima da mesa.

Foi divertido. Nos sentimos viajando por um país que há pouco nos enchia de alegria.

Se a utopia distancia-se é motivo para caminhar em sua direção.

Nossa luta diária se funde na luta diária de nosso público.

Ficamos com Tchekhov, com “Por Acaso”. Cantamos e debatemos.

“Quer dizer que na Rússia é assim também?

Quem diria...

as fronteiras parecem tudo fazer tão distante,

o distante pode ficar tão invencível, invisível,

o branco tão denso...uma lembrança-chave

presa num chaveiro tanto quebrado com perfume de muito tempo

sons, odores, música

tudo meio próximo, meio distante

meio ontem, meio hoje

por vezes esquisito tão dentro do muito esquecimento

tem a vida e tem a madrugada

o mar é longe

quase tudo é água

Quem diria?...

A Rússia que me parecia tão do outro lado do mundo...

que bom que cantamos...é tão bom cantar,

Cantar é mais do que lembrar.”



“Pitiguari na 10.000 da avenida, virando à direita, fica lá o sonho azul”

A plateia está acomodada em seus lugares.

O concerto vai começar. A história a ser contada é sorteada.

Tudo pronto? Quase!

Quase porque Macunaíma, nosso personagem, resolve querer, na última hora, uma nova maquiagem e um novo figurino para os atores. Corremos pra fazer suas vontades, até que, enfim o canto do pitiguari anuncia : “Óia, óia ...óia quem vem aí!”

Quando a memória é recente eu lembro...e conto. A manhã rodava macia a meu lado.

O caminho de casa para a Emei Chácara Sonho Azul é longo.

É na altura do número 10.000 da avenida M'Boi Mirim virando à direita que fica a Vila Calu.

Pais, alunos, professores nos esperam. É manhã de sábado.

Quando a memória é recente eu lembro

Quando é boa dá repente...Lá vem, lá vem...

Lá vem a vovó com sua sacola de feira, lá vem...fazer bolo, contar histórias.

O quintal ensolarado nos faz decidir ser ali o local da apresentação...

No outro lado da cidade.



Não sei o quê, foi o vento...o vento que parecia som, a música que parecia vento.

Enquanto montamos nosso cenário, pais levados por seus filhos visitam a exposição de objetos sonoros.

E assim, durante a nossa montagem-preparação, embalados, percebemos que podíamos adaptar uma de nossas canções...tantos sons, tantos compartilhares...

E iniciar o espetáculo com uma cantoria homenageando este parque sonoro criado pelos alunos e seus professores.

Do outro lado da cidade

tive coragem pra tudo

O sol pega o trem azul,

viajei por flores espantosas,

o sol na cabeça.

Saímos com a sensação de um sonho azul numa chácara distante.

Que a M'Boi Mirim, a Washington Luís e a 23 de maio nos leve pra casa.

Não há números nem maiores nem menores,

juntos medem pra nós, em nós

a velocidade do vento.



“Minhoca e Terra Azul” Relato que comemora as centenas de árvores plantadas

Um espaço teatral pra lá de marcante que demonstra fios de histórias compartilhadas.

No projeto anterior (Projeto Caixa de Imagens 20 anos – Convites. Leituras e Encenações) através de convites dos conviteiros parceiros da zona norte chegamos a Cei Curumim. Realizamos apresentações para os professores (“Conto Machado”), para as crianças (“A Festa”) e para as professoras gestantes estreamos “Teatro da Voz”. Plantamos árvores na calçada.

Só que... essas árvores foram retiradas...

Telefonaram-nos e juntos decidimos plantar outras mudas de uma forma especial: uma apresentação que não poderá se repetir. Criamos um espetáculo de curta duração que conta a nossa trajetória de parceria. Dividimos as crianças em dois grupos e com cada um encenamos, cantamos e plantamos um ipê amarelo que rapidamente recebeu o nome de “Minhoca”. E plantamos uma laranja lima (laranja doce) que depois de muita conversa, recebeu o nome de “Terra Azul”.

O espaço da rua em frente à calçada se transformou em uma pequena praça com bancos. Este foi o nosso Espaço Teatral.

A chuva estava querendo se “achegar” mais perto de nós. E não é que ela veio? Porém exatamente no momento em que encerrávamos. Rimos todos felizes e agradecemos à chuva. Agradecemos pela sua paciência, por ter esperado terminarmos o espetáculo-plantio e por proporcionar conforto, acolhimento à Minhoca e à Terra Azul.



Ensaio Pitiguari. Pitiguaris

Tanta risada, tanto rolar de rir e a gente ali, cada vez mais feliz. Essa pedra mágica vatô é danada. Dá calor! Quando a gente precisa. E Macunaíma nem “tchuns” pra ela, esse rapaz... Nós quase queimando a mão, mas nós não larga... e a pedra vatô esquenta a cada risada.

A criançada esbanjando infância na nossa arquibancada. Arquibancada feita de carteira (mesa), cadeira e tapete (chão). Três alturas pra ninguém se atrapalhar na hora de querer ver cada detalhe do nosso Pitiguari. E vai que vai...na hora da cantoria, eu canto, tu cantas, ele canta, canta gente em tudo que é canto. E canta alto, canto forte... “Oia, quem vem aí?...”

Macunaíma, com preguiça e fome...vai Volomã... dá uma frutinha pra ele... Mas Volomã ficou brava e atirou Macunaíma lá pros lado sujos do rio Tietê... durante o vôo...ele dormiu!

E quando acordou, apareceu na lousa, desenhado assim na hora e aí aqueles que estavam rindo pra valer, de olhar atento vão decifrando os traços... é menino...não é menina...menino...tá com a barriga cheia, é o Macunaíma! Olha...numa ilha... passarinho...chuva...não é co...iiii....e os urubu carecendo de fazer necessidade encima dele....

Estrela! Lua! O sol...é, bem,...a Sol... . Macunaíma vai casar com uma das filhas da Sol ! Vai ter festa! Vai ter pipoca! Oba!



Preguiça?!!

O quê?

Preguiça... Macunaíma ficou com preguiça...não vai mais casar...acabou a pipoca...óóóh!

A Sol ficou triste, magoada e depois brava, mandou ele voltar a pé!

Mas o Brasil é muito grande, coitado... é...ela deixou com a gente a pedra vatô pro Macunaíma, pra quando ele passar por aqui...

E sabe quem vai entregar?

Aqueles que rolaram de rir, que cantaram alto em tudo quanto foi canto e aplaudiram a obra de Mário de Andrade.

E agora, tem mais não.

Papagaio foi pra Lisboa.”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comemorar 1000!

Haverá por onde ir agora?

Triste saudade que indaga

Entre a resposta e o permanecer

Haverá para onde ir agora?

Já fui tão perto

Já fui tão longe

Já me achei e me escondi nesta cidade

Já procurando rumo

Encontrei muro

Já procurando rumo

Encontrei o redor



Haverá para onde ir agora?

Venho do caminhar por suas ruas

Às vezes tenho até vergonha

Dos meus sonhos de beleza

Penso em ti com suas corredeiras

Com seus orvalhos

Com seu ar frio e cheiroso de flor-pitangueira

Haverá para onde ir agora?

Se você, cidade-musa, não tem fim em seus inúmeros caminhos

Por que terei eu com meus braços que querem trabalhar?



FICHA TÉCNICA do registro

Projeto Caixa de Imagens a 1000

Textos: Mônica Simões

Registro Fotográfico: Bruno Cúcio

Design Gráfico: Carlos Gaucho

www.caixadeimagens.com

PROGRAMA DE APOIO ÀS ARTES E CULTURA
**FOMENTO
TEATRO**
PREFEITURA DE SÃO PAULO

Carlos Gaucho
Daniel Azeiteiro
Paloma Freire
Telefone: 339


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
CULTURA